

EXPOSIÇÃO DE ARTE INCLUSIVA E A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

INCLUSIVE ART EXHIBITION AND THE INCLUSION OF PEOPLE WITH VISUAL IMPAIRMENT

EXPOSICIÓN DE ARTE INCLUSIVA Y LA INCLUSIÓN DE PERSONAS CON DISCAPACIDAD VISUAL

DOI: 10.5216/revufg.v25.81826

Mariana Agreste da Silva Makino

Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Educação, Goiânia, Goiás, Brasil,
marismakino2@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9210275124305920>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-6517-9682>

Michell Pedruzzi Mendes Araújo

Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Goiânia, Goiás, Brasil, michellpedruzzi@ufg.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6141634183456644>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4596-5386>

Resumo: Tendo em vista a realização da primeira Exposição de Artes Inclusiva da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (FE-UFG), este estudo objetivou compreender as contribuições desse evento para a inclusão de pessoas com deficiência visual. Metodologicamente, o estudo adotou uma abordagem qualitativa e procedeu por meio de questionários personalizados para cada sujeito de pesquisa tendo como referencial teórico a Teoria Histórico Cultural de Vigotski. Os resultados revelaram que a Exposição de Artes Inclusiva foi um evento ímpar, contribuindo para a inclusão social, educacional e cultural das pessoas com deficiência visual. A realização desta em um contexto educacional proporcionou a esses indivíduos a oportunidade de se perceberem como participantes ativos e pertencentes ao meio artístico, espaço frequentemente inacessível a eles devido às limitações impostas pela deficiência

Palavras-chave: Deficiência Visual. Exposição de Artes Inclusivas. Inclusão. Formação de Professores.

Abstract: In view of the first Inclusive Arts Exhibition at the Faculty of Education of the Federal University of Goiás (FE-UFG), this study aimed to understand the contributions of this event to the inclusion of visually impaired people. Methodologically, the study adopted a qualitative approach and proceeded through personalized questionnaires for each research subject, using Vygotsky's Cultural Historical Theory as its theoretical framework. The results showed that the Inclusive Arts Exhibition was a unique event, contributing to the social, educational and cultural inclusion of people with visual impairments. Holding it in an educational context gave these individuals the opportunity to see themselves as active participants and as belonging to the artistic environment, a space that is often inaccessible to them due to the limitations imposed by their disability.

Keywords: Visual Impairment. Inclusive Art Exhibition. Inclusion. Teacher Training.

Resumen: Ante la realización de la primera Muestra de Artes Inclusivas en la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Goiás (FE-UFG), este estudio tuvo como objetivo comprender las contribuciones de este evento a la inclusión de personas con deficiencia visual. Metodológicamente, el estudio adoptó un enfoque cualitativo y procedió a través de cuestionarios personalizados para cada sujeto de investigación utilizando como marco teórico la Teoría Histórico Cultural de Vygotsky. Los resultados mostraron que la Muestra de Artes Inclusivas fue un evento único, que contribuyó a la inclusión social, educativa y cultural de las personas con discapacidad visual. Su celebración en un contexto educativo dio a estas personas la oportunidad de verse a sí mismas como participantes activos y como pertenecientes al entorno artístico, un espacio que a menudo les resulta inaccesible debido a las limitaciones impuestas por su discapacidad.

Palabras clave: Discapacidad visual. Exposición de Artes Inclusivas. Inclusión. Formación de Profesores.

Data de submissão: 22/02/2025

Data de aprovação: 10/03/2025

Introdução

A deficiência visual é causada pela perda total da visão, resultando na cegueira, ou pela perda parcial, resultando em baixa visão. As principais causas dela são desde doenças congênitas, como glaucoma congênito, retinopatia da prematuridade e toxoplasmose ocular congênita, até complicações de outras doenças adquiridas ao longo da vida, como glaucoma,

catarata, retinopatia diabética, doenças infecciosas e degeneração macular. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, no Brasil, existem 528.624 pessoas cegas e 6.056.654 pessoas com baixa visão. Além disso, como indicam dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), se houvessem mais ações efetivas para o tratamento ou prevenção, cerca de 80% dos casos poderiam ser evitados.

Diante desses números expressivos, é evidente a necessidade de medidas inclusivas e assistenciais, para que essas pessoas tenham plena inclusão social cultural e educacional.

No entanto, para que isso ocorra, as ações precisam ir além das estatísticas, abrangendo também um suporte educacional estruturado que elimine as barreiras existentes, promovendo a inclusão total dentro das escolas regulares, e ofertando o Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contraturno, como ferramenta de apoio e complementação. Tais medidas, contudo, não devem se ater apenas à educação básica, mas devem continuar na educação superior, garantindo que os discentes com deficiência visual tenham a oportunidade de acessar e permanecer nas universidades, locus de cultura e conhecimento. Pode-se afirmar isso tendo por base a Lei nº 13.146, de 6 de Julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, ou o Estatuto da Pessoa com Deficiência.

Um exemplo significativo dessa inclusão é a Exposição de Arte Inclusiva, um projeto de extensão da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Ela foi uma ação que visou beneficiar tanto os discentes e docentes da faculdade, quanto a comunidade em geral, propiciando uma sensibilização sobre a necessidade da inclusão das pessoas com deficiência visual, e promovendo acessibilidade para estas. Ademais, ela contou com adaptações como o uso das notas proemias e descrição das obras em letra ampliada e braille, além do uso de diferentes texturas e alto relevo.

Logo, a presente pesquisa é relevante não apenas devido a visibilidade da exposição, mas também pela oportunidade de proporcionar o acesso deste público-alvo à cultura e a obras de arte que, de outra forma, não teriam acesso. Além disso, a incipiência de estudos sobre a inclusão, permanência e uso de artes adaptadas para pessoas com deficiência visual torna este estudo ainda mais necessário. Este trabalho tem como objetivo geral investigar as contribuições da exposição de arte inclusiva para a inclusão de pessoas com deficiência visual. De maneira específica, ele visa historicizar o processo de exclusão/inclusão das pessoas com deficiência visual no cenário brasileiro; compreender o que é uma arte inclusiva e como é possível desenvolvê-la; analisar as

contribuições da exposição para a formação de professores; entender a importância de ações de extensão que visem a inclusão dentro do espaço da Universidade.

Nesse diapasão, o problema de pesquisa que surgiu e se buscou responder ao longo do trabalho foi: como a exposição de arte inclusiva da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás contribuiu para a inclusão de pessoas com deficiência visual? Quais foram essas contribuições?

Metodologicamente, esse estudo se configura como um estudo de caso, de abordagem qualitativa, e o procedimento de produção e coleta de dados se realizou por meio de questionários direcionados aos participantes da exposição. O referencial teórico está alicerçado na teoria histórico cultural de Vigotski, com ênfase em conceitos relevantes à inclusão e acessibilidade.

Referencial Teórico

Como aporte teórico, esse trabalho está fundamentado na teoria histórico cultural de Vigotski, que afirma que, da mesma maneira que o homem é capaz de moldar o meio em que vive, ele também é moldado por este, por meio da cultura, de suas vivências e de trocas simbióticas com os seus pares.

Nesta perspectiva, para Rego (1995), um aspecto importante da teoria histórico-cultural para se considerar o desenvolvimento humano, é a aquisição das funções psicológicas superiores, as quais nos diferenciam dos animais, e se configuram como processos mentais mais evoluídos, tais como a capacidade de planejar, rememorar e imaginar. Entretanto, o ser humano não nasce com essas funções já prontas, mas nasce com a capacidade genética de desenvolvê-las por meio da interação com o outro e com a cultura, assim, são essas capacidades que permitem que tenhamos interações sociais recíprocas, sendo a base para a aquisição da linguagem, e para a construção social e cultural.

Além disso, Vigotski (1991) defende que existem zonas para cada aprendizado do sujeito, nas quais o desenvolvimento ocorre, assim, decorrente disso, há a zona de desenvolvimento iminente, sendo esta, a distância entre a zona de desenvolvimento real, contendo as dificuldades que a criança já consegue solucionar sozinha com suas habilidades, e a zona de desenvolvimento potencial, contendo as dificuldades que a criança consegue solucionar com a ajuda de um adulto ou de uma outra pessoa com experiência. Dessa forma, a zona de

desenvolvimento iminente “define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário” (Vigotski, 1991, p. 58).

Nesse cenário, a zona de desenvolvimento iminente se faz imprescindível, pois, é nela que irá ocorrer a mediação pedagógica, tipo de mediação que pode ser exercida por um professor, ou por um colega da criança, para a aquisição de novos conhecimentos, visto que esta não é uma experiência imediata, mas sim mediada.

Em correlação com a temática da presente pesquisa, no contexto da educação das pessoas com deficiência visual, Vigotski (2022, p. 119) aponta que:

[...] O mundo foi construído pelas pessoas, principalmente como um fenômeno visual, e devemos preparar a criança cega para viver nesse mundo geral. Conclui-se, portanto, que ela deve conhecer o mundo. Na questão mais delicada da educação dos cegos, o único ponto de vista correto e real assinala-nos essa saída. Inclusive, o problema do mundo na educação da criança cega é solucionado de forma correta quando se estabelece não como um problema biológico, mas como um problema social.

Nesse viés, observamos que é importante que as pessoas com deficiência visual sejam incluídas na escola comum, e que é dever do professor, por meio da mediação pedagógica, promover adaptações no ensino para atender às demandas específicas desses estudantes, para que eles possam ser também incluídos na sociedade, e sejam aceitos como pessoas de direitos, podendo dar continuidade a sua trajetória de ensino, ingressando e permanecendo inclusive no ensino superior.

Para isso, é fundamental compreender e educar os discentes com deficiência visual, não como cegos, ou como pessoas de baixa visão, mas sim, compreendê-los e educá-los como sujeitos, seres humanos (Vigotski, 2022), entendendo que eles, assim como todos também possuem zonas de desenvolvimento, funções psicológicas superiores e não devem ser privados de experiências devido a sua deficiência, pelo contrário, merecem ter a mesma educação que os discentes videntes, para que consigam ter um pleno desenvolvimento não se limitando nem sendo limitados por sua deficiência.

Nesse contexto, ao reconhecer os estudantes com deficiência visual dessa maneira, o ensino de artes se faz importante, dado que, segundo Vigotski (1999), a arte se constitui como um

ato criador que surge da superação de sentimentos individuais, e contágio, tornando-os acessíveis aos espectadores. Desse modo, a arte representa um meio de expressão das emoções estéticas e subjetivas dos indivíduos no momento de ato criativo da produção desta, e de comunicação destas emoções aos demais sujeitos no momento de contato e reflexão com a obra. Assim, quando se fala de acessibilidade cultural, o ensino das artes é um direito imprescindível a todos.

À vista disso, pode se compreender que o acesso às artes e ao ensino delas às pessoas com deficiência visual, enquanto objeto de estudo dessa pesquisa, é considerável, pois consiste em uma forma de incluir esse grupo na sociedade.

Percurso Metodológico

Essa pesquisa se configura como qualitativa, pois esta consiste em uma abordagem que, de acordo com Freitas (2002), privilegia um olhar mais humanizado, detalhista, tendo como cerne a observação dos sujeitos participantes da pesquisa e do contexto envolvido, não se fundamentando apenas nos dados estatísticos e nos resultados, mas analisando toda a complexidade e o desenvolvimento da situação pesquisada.

Quanto ao tipo, essa pesquisa se configura como um estudo de caso, em consonância com Gil (2002), uma vez que a temática possui grandes especificidades e não pode ser generalizada, precisando, dessa forma, de uma análise aprofundada, o que é possibilitado por meio do estudo de caso em detrimento de outros tipos de pesquisa.

No âmbito do procedimento de produção e de coleta de dados, estes se sucederam por meio de questionários personalizados para cada sujeito de pesquisa, enviados pelo Google Forms. Os sujeitos de pesquisa foram dois professores Faculdade de Educação, que foram os idealizadores da exposição, duas estudantes que participaram desse projeto, na elaboração dos quadros de obras de arte adaptadas, sendo uma do curso de Pedagogia e outra do curso de Artes Visuais, e uma estudante com deficiência visual do curso de Pedagogia.

Dessa maneira, todas as respostas foram recebidas pelos formulários do *Google Forms*, com exceção da professora idealizadora, a qual foi realizada uma entrevista semiestruturada, em uma chamada de vídeo pelo *Google Meet*, e da discente com deficiência visual, que optou por receber as questões do questionário e respondê-las por meio de áudios no

Whatsapp. Para a transcrição tanto da entrevista quanto dos áudios que foram gravados, foi utilizado o aplicativo *Sound Type AI*. Após esse processo, os dados foram divididos em categorias e analisados tendo como base o referencial teórico.

À luz do referencial teórico, a pesquisa também se vale da análise de conteúdo de Bardin (1977), que pode ser definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 1977, p. 42).

Assim, por meio dessa análise, foi possível dividir o material da pesquisa em categorias, e o procedimento da produção e coleta de dados em etapas, o que permite debruçar na pesquisa e realizar uma análise mais minuciosa. Assim, ela será utilizada no projeto, visto que corrobora a visão que será desenvolvida neste trabalho, e entra em consonância com o tipo e com a abordagem da pesquisa.

A Perspectiva dos Professores Idealizadores da Exposição

A Exposição de Arte Inclusiva da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, ocorreu nas primeiras semanas de agosto, foram expostos dez quadros com obras de arte adaptadas no *hall* de entrada da Faculdade de Educação. Esse projeto foi idealizado pela professora Fernanda, doutora e pesquisadora na área da Educação Inclusiva, que atua como docente no campo da inclusão na Faculdade de Educação, e pelo professor Guilherme mestre em Artes Visuais, que atuou como professor substituto na instituição no período de 2022 a 2024.

Conforme relatado pela professora em sua entrevista, a exposição teve origem na disciplina denominada “Fundamentos Teóricos e Práticos da Educação Especial”, que contava com discentes dos cursos de Pedagogia e Artes Visuais. A proposta envolvia a criação de versões adaptadas de obras de arte clássicas, com o objetivo de integrar o conceito de inclusão ao processo avaliativo do curso de Artes Visuais. O professor Guilherme, especialista na área, atuou como coidealizador do projeto, contribuindo com orientações específicas sobre as adaptações necessárias e supervisionando a produção dos quadros. Nesse contexto, a professora Fernanda

destacou que a realização do projeto foi particularmente significativa, pois: “A gente pôde juntar duas coisas muito importantes, que é a acessibilidade em relação à questão cultural e a própria formação desses alunos”.

Essa acessibilidade cultural se demonstrou no acesso às obras de artes da exposição, sendo estas releituras de obras famosas que muitas pessoas apenas ouviram falar, principalmente no caso das pessoas com deficiência visual, visto que há uma escassez de recursos e adaptações no âmbito das obras de arte em geral. Concomitantemente, a formação dos estudantes se demonstrou no trabalho desenvolvido por eles, que tiveram tempo de preparo, estudo e pesquisa, pensando nas adaptações para as pessoas com deficiência visual, como a audiodescrição, as notas proemias a escrita em braille, e a utilização de materiais em alto relevo ou com diferentes texturas.

Ainda, quanto a inclusão das pessoas com deficiência visual no campo das artes visuais, o professor Guilherme aponta:

Ainda é necessário que mais pessoas com deficiência visual participem e sejam incluídas em outras e novas ações. Existem artistas com deficiência visual que, infelizmente, ainda não conseguem os espaços adequados para realizar trabalhos e exposições. Existem mais instituições, grupos e espaços que trabalham com esse público e que desejam realizar e levar ações artísticas. Por isso, ainda é importante que esse público seja incluído, cada vez mais.

Quanto, ao alcance e impacto da Exposição, a professora relatou:

Quando eu comecei a ouvir os relatos das pessoas cegas e das pessoas videntes também, em relação às obras, do quanto aquilo ali contribuiu, pessoas cegas que queriam até ficar com os quadros, porque nunca tinham tido acesso a essas obras, isso me fez pensar, assim, na importância, no alcance que essa exposição teve, porque eu jamais imaginei, assim, realmente como ela seria importante, principalmente para as pessoas com deficiência visual e para as pessoas videntes no sentido delas também pensarem que a cultura pode ser acessível a todos. Então, acho que nesse sentido aí, eu penso que ela foi muito mais do que eu esperava.

Nesse contexto, é perceptível como foi importante o acesso às obras de arte, principalmente para o público alvo da exposição, uma vez que, para Vigotski (1999), no contato com elas é possível a refundição das emoções e sensações dos sujeitos, ou seja, os sentimentos individuais de cada sujeito podem ser comunicados por meio da arte, à medida que esta concretiza as emoções externalizadas nas obras de arte, e as coletiviza. Portanto, garantir um

pleno acesso à cultura e à sociedade para as pessoas cegas e com baixa visão, envolve proporcionar a elas, espaços nos quais ocorra criação e fruição artística, de modo que essas possam se sensibilizar, mas também compartilhar suas experiências e emoções por vezes invisibilizadas por sua deficiência.

Na visão do professor Guilherme, a exposição foi bem sucedida e houve desdobramentos advindos dela:

Alguns dos objetivos foram realizados, por exemplo: adaptar obras, popularmente conhecidas, para o público com deficiência visual; montar uma exposição itinerante, com possibilidade de alcance de novos e outros públicos (considerando mais pessoas com deficiência visual também). Em partes, a exposição gerou resultados positivos, considerando até mesmo a produção de um livro.

Logo, como indicado na fala do professor, após a Exposição, foi iniciado um novo Projeto de Extensão dentro da Faculdade de Educação, para tornar essa Exposição itinerante, levando-a para outras instituições, a fim de ser conseguir maior alcance, e maior inclusão das pessoas com deficiência visual. Simultaneamente, houve a produção do livro denominado Arte para pessoas com deficiência visual: construindo uma exposição de arte inclusiva (Oliveira; Araújo; Pires, 2024). Esse livro surgiu a partir da necessidade de haver literatura sobre a adaptação de obras de arte para pessoas com deficiência visual, mais especificamente, orientando como elaborar uma exposição de arte inclusiva, já que existe a escassez de estudos, pesquisas e obras sobre essa temática.

Apesar dos benefícios e pontos positivos da Exposição, os dois professores também evidenciaram as dificuldades encontradas no percurso do projeto, como a falta de recursos para que fosse garantida maior acessibilidade. Além disso, ressaltaram o desconhecimento de outras disciplinas e projetos de extensão dentro da Faculdade de Educação focados na inclusão de discentes com deficiência visual, havendo apenas algumas ações da Secretaria de Inclusão, e a Monitoria enquanto projeto de ensino da Faculdade. Contudo, tendo em vista o envolvimento dos demais professores da unidade, e a empolgação dos educandos mediante as vivências nesse projeto, eles acreditam que existem expectativas para novas ações nessa área e a para a promoção de um ambiente mais inclusivo.

Por fim, para a professora Fernanda, o grande destaque da Exposição foi que a construção dela se sucedeu a partir da colaboração e do empenho de cada sujeito envolvido,

assim não foi um trabalho isolado, que partiu apenas dela, mas um trabalho em conjunto, com diferentes atores, de dentro e fora da Faculdade de Educação, como docentes, discentes, monitores, e algumas pessoas do Núcleo de Apoio para Deficientes Visuais (NAP). Assim, cada um pôde deixar a sua marca, e contribuir para a inclusão e a acessibilidade cultural.

Portanto, é perceptível a importância dessa ação enquanto movimento social, uma vez que o desenvolvimento e a aquisição de novas habilidades das pessoas com deficiência visual, é viabilizado pelo contexto em que vivem, como explica Vigotski (2022):

Da mesma forma que o curso da corrente é determinado pelas margens e pelo leito do rio, a linha principal psicológica e o plano da vida do homem que se desenvolve e cresce estão determinados, com a necessária objetividade, pela condição social e pelas “margens sociais” da personalidade. (Vigotski, 2022, p. 75).

Dessa maneira, são indispensáveis, ações no ambiente da Universidade, desde projetos de extensão até adaptações nas disciplinas regulares do curso, para que este público possa acessar e permanecer na Universidade, usufruindo de uma educação de qualidade e de um locus propício para seu desenvolvimento.

A Visão das Estudantes Participantes do Projeto

A fim de contemplar a visão e a experiência dos dois cursos presentes, foram escolhidas duas discentes, sendo elas Lorena, graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, e Carolina, graduada em Artes Visuais pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, porém ambas eram graduandas na época do desenvolvimento da Exposição.

A primeira com seu grupo realizou a releitura adaptada da obra “Moça com o Brinco de Pérola” de Johannes Vermeer, e a segunda com seu grupo realizou a releitura adaptada da obra “Autorretrato com colar de espinhos e beija-flor” de Frida Kahlo.

À respeito da escolha da obra, Carolina explicou:

Frida Kahlo é minha inspiração como mulher, artista e PCD, muitos dos seus autorretratos, que é uma das coisas mais marcantes das suas obras, assumem uma identidade sincera da relação dela com sua deficiência. Para ela a pintura era uma

maneira de expor suas dores mas também tornar a vida mais tolerável. A escolha dessa obra implica dois motivos, o primeiro, a lindeza das técnicas de pintura e a composição do quadro, são cores que me marcam, elementos que me interessam. O segundo é o colar de espinhos em seu pescoço, enquanto carrega um pingente tão delicado como o beija-flor, me remete uma sensação de aprisionamento com uma condolência em entender nossas amarras.

Diante de sua fala, a escolha da obra de uma artista com deficiência é muito significativa para que as pessoas com deficiência se sintam representadas e participantes do meio artístico das artes visuais, indo além de suas limitações e dos estereótipos feitos acerca delas. Ademais, a representação do colar de espinhos e beija-flor, mostra a contradição existente entre liberdade e aprisionamento, que sensibilizam o espectador, fazendo-o refletir sobre a realidade da artista, uma vez que esta se representa em seu auto retrato, mas também sobre seus próprios conflitos internos. De forma análoga, à respeito das emoções e pensamentos que a vivência estética proporciona ao sujeitos espectadores, Vigotski (2003) afirma que, quando uma obra de arte é plenamente vivenciada ela é capaz de ampliar os conhecimentos do espectador e sensibilizá-lo, mudando sua forma de pensar a respeito dos fenômenos ali retratados.

Sobre o processo de adaptação da obra, Lorena comentou:

Demorou alguns dias, realizamos uns 2 encontros na faculdade mesmo, fora do horário de aula. O professor Guilherme nos deu a tela e nos ajudou no que era preciso. Dividimos o trabalho para ninguém ficar sobrecarregado. Na produção priorizamos deixar a arte o mais realista possível, pensamos em fazer até com gesso o rosto, mas não podia e não tínhamos tempo. Então, tivemos a ideia de usar e.v.a para deixar a pele mais suave e macia, e para dar a ideia de descontinuidade entre o pescoço e o rosto, utilizamos duas camadas de e.v.a no rosto e uma no pescoço, para quando a pessoa fosse passar a mão percebesse que ali era outra parte do corpo. Fizemos o mesmo com as orelhas.

Assim, esse relato demonstra o bom funcionamento de um processo de aprendizado, pois estudantes de ambos os cursos conseguiriam colaborar com suas diferentes habilidades e ideias, em um ambiente de troca, auxiliando aqueles que tinham mais dificuldades em determinadas áreas, e houve a figura do professor Guilherme, sendo mais experiente no campo das Artes Visuais que pôde assistir e orientar o grupo com sua bagagem cultural. Ademais, o relato exemplifica a influência da zona de desenvolvimento iminente, que como Vigotski (1991), propõe:

Um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em operação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. (Vigotski, 1991, p. 60-61).

Quanto às contribuições desse projeto para a sua formação, as duas ressaltaram a indispensabilidade de trabalhar a inclusão, e ainda, como os conteúdos estudados na disciplina, juntamente com a oportunidade de desenvolver uma obra de arte adaptada foram extremamente aprimadores em sua trajetória discente, visando sua atuação docente.

Todavia, embora essa experiência tenha sido importante por abordar a temática da inclusão e dar subsídio aos educandos para colocá-la em prática nas salas de aula, percebe-se uma lacuna do ensino da educação inclusiva no ambiente da Universidade, visto que a própria disciplina da professora Fernanda não é uma disciplina obrigatória para os curso de Pedagogia, mas se configura como optativa, e na ocasião se configurou como núcleo livre para os veteranos de Artes Visuais, como foi o caso de Carolina, e como disciplina obrigatória para os discentes que estavam inseridos na nova matriz curricular. Até foi por esse motivo que os discentes de Artes Visuais foram incluídos na disciplina de Pedagogia, porque havia a necessidade de realizar a disciplina, e a falta de professores habilitados para ofertar essa disciplina no curso de Artes Visuais. Isso se manifesta como uma problemática, pois por não haver disciplinas obrigatórias, a chance de se ter contato com as disciplinas de inclusão se reduz grandemente.

Para os discentes que estão inseridos na nova matriz curricular do curso de Artes Visuais, assim como em outras licenciaturas, atualmente existe a disciplina de Fundamentos Teóricos e Práticos da Educação Especial e Inclusão Escolar, mas ainda há a necessidade de se ampliar os estudos aplicando a inclusão à assuntos específicos dessas licenciaturas, como a realização de obras adaptadas para pessoas cegas e com baixa visão, que não contemplou a grade curricular de Carolina, como a mesma critica:

Em todas as disciplinas práticas, pouquíssimas foram as movimentações que pensassem em adaptações inclusivas, e essas poucas mudanças não foram da instituição mas de algum professor ou aluno que já era sensibilizado pelo tema ou que tem ou teve contato com alguém com deficiência. Agradeço muito ter pego a disciplina da professora Fernanda como núcleo livre, foi um contato real com a verdadeira arte inclusiva.

No caso da Pedagogia, já foi apontado ao Núcleo Docente Estruturante (NDE), a queixa dos estudantes em ter as disciplinas de Inclusão como obrigatórias, contudo, essa demanda ainda não foi atendida e regularizada pelo Ministério da Educação (MEC), o que coloca os futuros pedagogos em atraso ante os outros professores licenciados.

Portanto, é inegável que existe a carência em se debater e fundamentar teoricamente a inclusão dentro das salas de aula da Universidade, em todos os cursos de licenciatura, para que os futuros professores tenham aporte para exercê-la na educação básica, não sendo prejudicados com a falta dessas, como ocorreu com Carolina, e para que a própria Universidade se torne um ambiente mais inclusivo e acessível às pessoas com deficiência visual.

Percepções de uma Discente com Deficiência Visual acerca da Exposição

Júlia é uma estudante cega da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, do curso de Pedagogia, e teve contato com a Exposição de Arte Inclusiva durante sua exibição na Faculdade. Para ela, a Exposição foi um grande marco em sua trajetória acadêmica e em sua experiência de inclusão como pessoa com deficiência visual, uma vez que nunca havia vivenciado tais adaptações, assim como uma mostra artística acessível e focalizada no público alvo de pessoas cegas ou com baixa visão.

Adaptações como essa são grandes promotoras da inclusão, visto que elas não impedem o acesso das pessoas com deficiência visual à arte, nem limitam sua experiência em razão de sua deficiência, pelo contrário, se reformulam de modo a haver equidade no acesso e na experiência de todas as pessoas. Portanto, compreende-se que o meio cultural é capaz de incluir a pessoa com deficiência e contribuir para seu processo de desenvolvimento, como indica Vigotski sobre a criança com deficiência:

Por si só, mesmo privada de qualquer instrução, a criança ingressa no caminho do desenvolvimento cultural; em outras palavras, é no desenvolvimento psicológico natural da criança e no seu meio circundante, na necessidade de comunicação com esse meio, que se encontram todos os dados necessários para que se realize uma espécie de autoignição do desenvolvimento cultural, uma passagem espontânea da criança do desenvolvimento natural ao cultural. (Vigotski, 2011, p. 868-869).

Além disso, ele acrescenta que “o desenvolvimento cultural é a principal esfera em que é possível compensar a deficiência, onde não é possível avançar no desenvolvimento

orgânico, abre-se um caminho sem limites para o desenvolvimento cultural” (Vigotski, 2011, p. 869).

Analogamente, a educação, em todas as suas instâncias, assim como no ensino superior, como é o caso citado, precisa investir em formas de mediação e em adequações, para que a pessoa com deficiência seja incluída e tenha oportunidade a uma educação de qualidade, cumprindo seu papel e corroborando a visão de Vigotski (2022), de que a educação deve incorporar a criança cega à realidade e gerar compensação social, para que as pessoas com deficiência visual não sejam privadas de vivências, nem de seus direitos, devido a sua deficiência.

Quanto às obras da Exposição, Júlia comentou que todas estavam bem feitas e devidamente adaptadas. Em sua opinião, a sua favorita foi a releitura adaptada de “Noite Estrelada” de Vincent Van Gogh; segundo ela: “Céu Estrelado foi uma obra muito interessante, muito linda. Quando a pessoa faz uma obra daquela e você que não enxerga toca a obra, você vê como que é um quadro daquele, você fica maravilhada, e eu fiquei”.

A respeito das emoções provocadas pelo contato com arte, Vigotski (2001) salienta que as emoções têm um papel primordial tanto na criação artística, quanto na percepção artística, sendo a arte a materialização das mais diferentes emoções. Consequentemente, na interação do espectador com a arte, essas emoções são comunicadas a ele e dão início a formação de suas perspectivas, interpretações e conceitos sobre a arte encontrada.

Desse modo, de acordo com suas falas, é evidente que a arte pode ser acessível e vivenciada pelas pessoas com deficiência visual, visto que o acesso a estética não se faz apenas por meio do uso da visão, porque esse é somente o ponto de partida, pois como aponta Vigotski (2003), o estímulo sensorial, no caso de um quadro, o estímulo visual, é apenas o impulso inicial de uma atividade cerebral complexa, composta pelas impressões, percepções e emoções do sujeito no contato com a obra, que gera uma resposta a partir da reelaboração de suas primeiras sensações.

Respondendo a questão do questionário “No seu contato com a universidade houve outras ações de extensão que contribuíram para a sua inclusão?”, Júlia não apontou outras ações, mas apontou uma atividade realizada na época da pandemia, na qual a professora solicitou que alguns educandos fizessem um vídeo mostrando como estavam nesse período, e ela se alegrou em ser uma das escolhidas, como destacou: “O vídeo foi na época da pandemia, que nós gravamos

um vídeo para uma professora, e era eu lendo um livro em braile, na minha casa, e aí eu fiz o vídeo e mandei para ela. Foi isso. E foi muito bom essa, chamava Quarenta Mais”.

Logo, diante de seu relato, pode-se inferir que a inclusão pode começar com questões simples, como essa ação realizada pela professora, que fez a estudante se sentir incluída e pôde também proporcionar o conhecimento da realidade de uma pessoa cega para os demais estudantes da disciplina.

Todavia, a inclusão na Universidade não pode ser restringida a esse exemplo, mas deve se ampliar, e estar presente de forma prática em todas as disciplinas. Portanto, é imprescindível o movimento de mediação, para que o conteúdo seja mais acessível aos estudantes com deficiência visual, seja realizado, como foi no caso da Exposição que contou com a mediação das obras de arte, por meio das texturas, do braile, da possibilidade do toque, e com a mediação dos monitores da exposição, que fizeram a audiodescrição do espaço e das obras expostas. Por isso, como explicam Vigotski, Luria e Leontiev (2010), a mediação constante é imprescindível, pois, graças a ela, os processos psicológicos instrumentais mais complexos se desenvolvem, assim, compreende-se que ela possibilita a aquisição de novos conhecimentos e habilidades.

Considerações Finais

Tendo em vista as discussões realizadas ao longo deste texto, assim como os relatos dos sujeitos de pesquisa, compreendemos que a exposição de arte inclusiva da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás foi positiva para a inclusão de pessoas com deficiência visual.

Observa-se que essa iniciativa permitiu que essas pessoas fossem reconhecidas como sujeitos de direitos, com acesso à universidade e à uma educação de qualidade, além de serem reconhecidas em suas potencialidades. A exposição também possibilitou o acesso à arte, muitas vezes negado a esse público devido à percepção equivocada, pelo senso comum, de que não seriam capazes de participar e apreciar experiências artísticas. A adoção de medidas como a possibilidade de tocar as obras, a audiodescrição, a mediação dos monitores e a escrita em braile promoveu uma experiência de inclusão e acessibilidade à arte para esse público.

Assim, é evidente que há ações no ambiente universitário que efetivamente contribuem para a inclusão das pessoas com deficiência visual. Contudo, ainda são necessárias alterações e outros projetos que contribuam para a inclusão, não somente em disciplinas relacionadas à educação inclusiva, mas em todas as disciplinas.

De modo específico, no que tange à formação de professores, a exposição contribuiu muito, uma vez que proporcionou o contato com a inclusão, sustentados por fundamentos teóricos e por práticas que podem ser colocadas dentro do ambiente de sala de aula. Também foram notáveis as atividades desenvolvidas por meio da exposição, que permitiram o contato com diferentes conhecimentos e a aquisição de novas habilidades, como a audiodescrição, o braille, e o trabalho com diferentes texturas.

Em geral, a presente pesquisa possui relevância, todavia, ela encontra muitas limitações, como, por exemplo, os questionários, nos quais muitos sujeitos de pesquisas responderam de forma objetiva, dificultando uma análise mais aprofundada, e também a falta de literatura acerca de exposições de arte inclusivas, e das contribuições do uso de arte adaptada para pessoas com deficiência visual, necessitando haver mais pesquisas para que se entenda quais são os impactos destas para a inclusão.

Visa-se que este trabalho possa servir de aporte para essa discussão e incentivo para aqueles que também procuram fazer adaptações para melhorar o ensino e inclusão de pessoas com deficiência visual em todas as instâncias do ensino.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1977. 226 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7723320/mod_resource/content/1/A%20formacao%20social%20da%20mente%20%281%29.pdf. Acesso em: 9 jun. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 6 de julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 25 de julho de 2024.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de pesquisa**, Juiz de Fora, n. 116, p. 21-39, julho de 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/KnJW3strdps6dvxPyNjmvyyq/>. Acesso em: 9 jun. 2024.

- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. 13/12: Dia do Cego. **Biblioteca Virtual em Saúde**. [S. l.], 13 dez. 2023. Disponível em:
<https://bvsmis.saude.gov.br/13-12-dia-do-cego-4/#:~:text=Baixa%20vis%C3%A3o%20ou%20vis%C3%A3o%20subnormal,%2C5%25%20t%C3%AAm%20defici%C3%AAncia%20visual>. Acesso em: 25 jul. 2024.
- OLIVEIRA, Ana Flávia Teodoro de Mendonça; ARAÚJO, Michell Pedruzzi Mendes; PIRES, Edna Misseno (org.). **Arte para pessoas com deficiência visual**: construindo uma exposição de arte inclusiva. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2024.
- REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: Uma perspectiva histórico-cultural. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28306>. Acesso em: 9 out. 2024.
- VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Obras Completas – Tomo Cinco**: Fundamentos de Defectologia. Tradução: Programa de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais (PEE). 1. ed. Cascavel: EDUNIOESTE, 2022. 488 p. Disponível em:
https://editora.unioeste.br/index.php?route=product/product&product_id=186 Acesso em: 6 jun. 2024.
- VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 90p. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7723320/mod_resource/content/1/A%20formacao%20social%20da%20mente%20%281%29.pdf. Acesso em: 6 jun. 2024.
- VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11. ed. São Paulo: Editora Ícone, 2010.
- VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. Tradução: Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.